

o exercício mental, não contribui para minha manifestação artística da mesma forma que acontece quando meu corpo está em ação conjuntamente. Então, procuro movimentos que aliem mente e corpo na ação. Danço, faço cerâmica, escrevo, treino acrobacia, tudo isso com a consciência de que faz parte da minha expressão artística, da corporificação da minha criatividade, ou manifestação da minha arte. Então, sim, tudo faz parte de uma mesma veia, ou um mesmo organismo artístico, eu diria.

Que avanços você enxerga na sociedade em termos de aceitação, respeito e até admiração pela cultura queer?

Eu sou parte do que é cultura queer. Apesar de acreditar que a arte ultrapassa rótulos e gêneros, acredito que esses rótulos e gêneros nos servem para nos reconhecermos e criar corpo para estar no mundo. A cultura queer foi o que me libertou de preconceitos e mostrou que meu desejo é livre e real. Quanto mais eu for o que sou, mais autêntico e realizado estarei, e mais livre para oferecer o meu melhor. Ainda vejo, por outro lado, um olhar fetichista e folclórico para o que é diferente da norma, do padrão e justamente aí que a cultura queer atua, não deixando que sejamos objeto do outro, não deixando que nosso projeto seja romantizado pelo capital. A cultura queer sempre vai ser revolucionária e questionadora, ela não vai te deixar definir o que ela é porque ela é transformação pulsante, é movimento e contramovimento. E justamente por essa característica a cultura queer não é mainstream e não pode ser a referência de uma nova "norma", por exemplo. A cultura queer vai sempre demandar que o outro aprenda um pouco mais, revise seus conceitos e padrões.

A cultura e a estética única de Brasília te influenciaram como artista e na sua forma de ver o mundo?

Brasília me deu a oportunidade de desterritorializar sempre. Por um lado, na infância, foi difícil porque era como se eu não conseguisse definir uma identidade. Sou de uma época em que Brasília não tinha um sotaque, eram vários, Brasília não tinha um modelo de personalidade, mas vários de vários estados. Brasília é uma criação forjada por brasileiros de todos os cantos do país, por diferentes razões e realidades. E é uma cidade muito jovem, em pulsante formação e expansão. Quando criança, essas características me assustavam, eu buscava entender, definir, saber os significados e definições, foi difícil, mas hoje, essa característica de alargamento me faz estar num constante fluxo de expansão também, ser múltiplo, ser cultura e contracultura, por exemplo. A cidade é ampla, tem espaço pra dilatar, crescer, criar com linhas e curvas por todo aquele horizonte sem fim. Eu sou apaixonado pela poesia que é Brasília.

Brasília é uma cidade com uma cena artística muito forte e particular. Como foi dar os primeiros passos na carreira artística aqui?



Como Breno, em *Dona de mim*

Oseias Barbosa/ Divulga??o



Projeto Sara e Nina, com Alessandro Brandão

"Hoje, sempre que volto à cidade, fico mais feliz de encontrar tanta efervescência e saber que Brasília é minha origem, meu início, minha fonte de inspiração."

Tive a oportunidade de me apresentar no Teatro Nacional ainda na adolescência, aos 16 anos, fiz teatro por dois anos na Cia da Ilusão, fiz todas as peças de escola que foram possíveis, mas foi no quintal da minha avó onde fiz minhas primeiras peças para vizinhos empolgados em encorajar crianças brincando. Sou muito inspirado por essa criança que pode gesticular, rebolar ao som de "é o tchan", inventar mundos de

barro vermelho e lagos artificiais. Mas lembro de chegar aos 17 anos, véspera da decisão importante (a meu ver prematura) sobre o futuro profissional, e pensar "Brasília não vai dar conta do meu sonho, preciso ir pro mundo". Era um pensamento de um jovem que não via ainda em Brasília a grandeza que ela tem, a importância de sua cena artística e cultural, um jovem ambicioso e curioso de vida. Hoje, sempre que volto à cidade, fico mais feliz de encontrar tanta efervescência e saber que Brasília é minha origem, meu início, minha fonte de inspiração.

Que conselho você daria para os jovens artistas de Brasília que, como você, almejam uma carreira nacional?

Hoje, o acesso à informação é mais fácil por causa do avanço da internet. As escolas, as bibliotecas, os museus, os teatros, tudo tem perfil nas redes sociais e promove seus cursos e ferramentas por meio das plataformas. Isso ajuda muito o jovem que tem interesse na atuação. Ainda assim, não tem outra forma de aconselhar senão dizendo "estudar". Aproveitar a facilidade da internet é muito bom e ajuda bastante em coisas que para mim foram mais lentas ou trabalhosas, mas não tem outra forma de seguir a carreira senão estudando. E não precisa fazer como eu, que fui morar no Rio de Janeiro aos 17, necessariamente. Brasília tem profissionais e instituições incríveis que oferecem treinamento e formação. O que o importa é dar escuta ao desejo, acreditar no seu sonho e, então, se dedicar aos estudos. Não falo apenas de estudo formal, falo também da pesquisa que cada um pode fazer, ler livros, escrever, dançar, treinar atuação, etc.

Que tipo de papel ou projeto você gostaria de enfrentar a seguir? Existe um gênero ou uma história que você sonha em contar?

Muitas coisas me animam sobre uma perspectiva de futuro, tanto as coisas que já estão programadas, como o infantil Gagá, que volta para uma circulação no estado do Rio e que dessa vez faço como ator, ou o novo álbum de Sara e Nina, quanto as coisas que ainda não são projetos concretos, mas desejos. Tenho um roteiro de longa-metragem no qual estou trabalhando, por exemplo. Tenho muito interesse em atuar em outras áreas também, como roteiro e direção. Mas, vou assumir algo que tem cada dia mais ficado evidente no meu campo de desejos, quero ampliar minha atuação na tevê também, sabe? Acho que agora estou mais maduro, tanto profissional como pessoalmente, para viver o protagonismo que a teledramaturgia exige. Quero fazer mocinho e quero fazer vilão, mas quero o desafio e a responsabilidade do protagonismo. E quero poder contar histórias que sejam pessoalmente importantes para mim, histórias com as quais me identifique, mas quero também poder contar outras histórias, aquelas que podem me fazer ser outro, desafiar meu caminho, meu pensamento e meu corpo. Romper a barreira de escalação que define meu trabalho naquilo que me representa como indivíduo.